

Uma Igreja Madalena

Eric Jader Azevedo Costa¹

Resumo: A Igreja se define como sinodal. Mas, há muito que se percorrer para chegar a essa verdade. O Concílio Vaticano II apontou a comunhão e a participação eclesial nos ministérios e serviços e isso inspirou ao resgate de uma Teologia Feminina para a conversão institucional. O Papa Francisco tem insistido que a Igreja é mulher, e aponta para o resgate das qualidades femininas, bem evidenciadas nas personagens femininas da História da Salvação. Assim, o objetivo aqui é fazer uma leitura bíblico-pastoral da sinodalidade pela figura de Maria Madalena, buscando dar à estrutura organizacional eclesial um tom feminino e purificar os “espíritos maus” que assombram a Igreja, fundamentando um agir sinodal de inspiração feminina.

Palavras-chave: Sinodalidade. Maria Madalena. Comunhão.

INTRODUÇÃO

O nome da Igreja é sínodo, sua maior e melhor definição. É o que as comunidades eclesiais tem cada dia despertado em seus corações. Nas palavras do Papa Francisco aos bispos, retomando São João Crisóstomo, podemos dizer que Igreja e Sínodo são sinônimos (cf. FRANCISCO, 2025). Percebe-se, no entanto, que há várias dificuldades para vencer a tendência à acomodação e à mera manutenção.

O Concílio Vaticano II foi uma verdadeira virada copernicana na vida eclesial, que permitiu à Igreja uma compreensão maior sobre si e sobre sua missão no mundo, tratando sobre uma vida de comunhão e participação na missão de Deus, organizada em ministérios e serviços. Como comunidade de fiéis que vive, ora e anuncia a Palavra, a Igreja se incultura e dialoga com as pluriculturais realidades sem, contudo, deixar de ser uma.

A Teologia Feminina é uma dessas realidades, e traz um apelo insistente de conversão, instigando a comunidade de fé a uma mística mais adequada. A Igreja é mulher, recorda o Papa Francisco, mas, como tal, precisa resgatar a visão, o pensamento e a prática evidenciadas nas figuras femininas da História da Salvação. Por isso, numa perspectiva bíblico-pastoral da sinodalidade e a partir da figura de Maria Madalena, buscamos uma inspiração feminina para o modo organizacional eclesial, propondo três características ou reflexões, a partir da Sagrada Escritura. Nela evocamos o convite à conversão a partir das purificações de “espíritos maus”, que também assombram a Igreja. Há de se notar também as fundamentações do agir e modos de o fazer que garantam uma verdadeira sinodalidade de inspiração feminina.

¹ Padre da Arquidiocese de Montes Claros – MG. Especialista em Missiologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). E-mail: jadereric@gmail.com

1 UMA IGREJA FEMININA

Sabe-se que a salvação, enquanto encontro pessoal e transformador com o Senhor, se dá na história. Bruno Forte (1995) lembra que há um questionamento inevitável pelo sentido dos dias e dos acontecimentos, que cozeriam o aparente esfacelamento das situações que envolvem o homem. É, no dizer do autor, a *cruz da história*, assumida por Deus, que ampara e revela a mensagem cristã. Assim, a história se torna não apenas lugar de encontro como também, e sobretudo, de discernimento e anúncio da vitória do Deus Crucificado.

Desde a escolha de Abraão, Deus vai se revelando como Senhor, e constrói, com seu povo, uma história de salvação. Aqui, no entanto, dada a brevidade do trabalho, deter-nos-emos nas indicações dessa história, sob o ponto de vista eclesial-missionário, a partir do Concílio Vaticano II. Como Estêvão Raschietti (2022), compreendemos o Vaticano II como uma reforma da Igreja na esteira do diálogo com o mundo em que está inserida.

Tal *pentecostes* na vida da Igreja a colocou novamente na esteira do *ser católica*. Isso porque, o “Vaticano II foi, no seu conjunto, um evento universal como jamais foi visto na história da Igreja” (RASCHIETTI, 2022, p.234). Claro que isso não pode ser compreendido como real universalidade de representação, mas garante um *status quo* de grande impacto no desenrolar histórico da fé. O Concílio resgata uma ordem das relações, tão nova quanto antiga. Trata-se daquela seara na qual a comunidade eclesial caminha com esperança de viver aos moldes da Trindade, em uni-pluralidade.

A comunhão de amor da Trindade inspira não apenas a profissão de fé e a liturgia, como alcança a própria organização eclesial. Somos, indica a Constituição Dogmática sobre a Igreja, povo de Deus, corpo de Cristo e templos do Espírito (cf. LG 2-5), uma realidade complexa, formada por homens e mulheres em seus condicionamentos históricos, mas sustentada por Deus (cf. LG 8), e que vivem em expansão de partilha de amor e de vida (cf. LG 17). Mas o que salta aos olhos mais atentos é o caráter feminino que a própria Igreja ganha, quando no final do documento ela é posta diante da imagem da Virgem Maria como modelo e inspiração eclesial de participação no mistério de Cristo (cf. LG 52-69).

Essa inspiração possibilitou à Igreja uma releitura de si a partir de sua alma feminina. Contudo, para reverter uma cultura milenar de clericalização e masculinização da fé, são necessário anos. Os exercícios do magistério nacional e petrino (sobretudo de Francisco) têm conduzido a Igreja cada dia mais para essa conversão. A imagem da misericórdia, tão valorizada pelo Santo Padre argentino, no Jubileu Extraordinário da Misericórdia (cf. MV), traz consigo realidades eminentemente femininas. Afinal, o próprio verbo, do qual origina o termo misericórdia, significa, literalmente, “amor de entranhas”. Vale, ainda, resgatar a leitura feita pelo Prof. Dr. Luiz Henrique Eloy e Silva (2016), na qual, ao Pai Misericordioso de Lucas (15) é imputado os verbos no masculino e no feminino, de busca e diligência.

O Papa Francisco, constantemente tem reverberado a urgência de compreendermos a Igreja como mulher. Na homilia do dia 21 de maio de 2018, na casa Santa Marta, celebrando

pela primeira vez a memória litúrgica por ele instaurada, da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, insistiu que a Igreja é mulher, e que sua alma feminina gera fecundidade (cf. FRANCISCO, 2018). Em outro discurso, agora aos membros da Comissão Teológica Internacional (2023), chegou a proferir de maneira espontânea: “A Igreja é mulher. E se não soubermos entender o que é uma mulher, o que é a teologia de uma mulher, nunca entenderemos o que é a Igreja. Um dos grandes pecados que temos tido é ‘masculinizar’ a Igreja” (FRANCISCO, 2023). Em seguida ele insistiu que essa *desmasculinização* se resolve, sobretudo, resgatando uma vida mística e real, que fará a Igreja, e seus membros, olhar, sentir, e agir de modo coerente. Vale destacar que o próprio Papa Francisco chega a insistir que tal questão não deva ser resolvida em nível ministerial.

Elas possuem, indica São João Paulo II, uma sensibilidade especial por Jesus, seu mistério e projeto, características próprias de sua feminilidade (cf. MD 16). Isso, como indica o Santo Padre polonês, apenas realça de maneira sólida a pluralidade própria da vida eclesial e o fato de Jesus ter confiado às mulheres as verdades divinas, tanto quanto aos homens. Não deve haver, no entanto, bem indica ele, um embate de forças entre seus componentes masculinos, são uma unidade que não deixa de ser plural e enriquecedora para a vida eclesial.

Poder-se-á, no entanto, perguntar-se sobre o porquê não insistirmos, como o próprio Santo Padre, na figura da Virgem Mãe como *imago ecclesiae*. A resposta vem do contato com os mais simples. Para a média católica brasileira, sobretudo no interior e no sertão, Maria goza de prerrogativas que a colocariam fora da seara dos “homens e mulheres comuns”. Daí a urgência de resgatarmos outras figuras bíblicas de maior proximidade com a realidade. Afinal, é a isso que chamamos leitura profética dos sinais dos tempos.

Emerge, então, Maria Madalena como personagem feminina de grande valor profético para a Igreja hoje. Corrobora o reconhecimento dela como “a apóstola dos apóstolos”, título dado por Santo Tomás de Aquino e resgatado pelo romano pontífice no ano de 2016, terceiro de seu pontificado. Ela que também pode, bíblica e teologicamente, se opor à Eva e ao mistério do pecado original. Em texto literal, citando São Gregório Magno, assim escreve o documento que instaura a elevação à festa a então memória de Maria Madalena: “(...) desejo assinalar o contraste entre as duas mulheres presentes no jardim do paraíso e no jardim da ressurreição. A primeira difunde a morte onde estava a vida; a segunda anunciou a Vida a partir de um sepulcro - lugar de morte” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2026).

2 UMA IGREJA MADALENA

Tendo visto, sumariamente, a importância de se resgatar não apenas a alma feminina, mas da possibilidade de o fazer a partir de outras figuras, podemos abrir horizontes com a figura de Maria Madalena. Deter-nos-emos em haurir dela três pontos proféticos para nossa caminhada eclesial, a saber: *um caminho de conversão; um resgate da chama da esperança e uma imagem sinodal*.

A primeira aparição de Madalena no Evangelho é quando Lucas (8,2) nos indica que ela seguia a Jesus, depois de ter sete demônios expulsos. Assim, já no primeiro contato com ela, começa o seu discipulado e chamado à conversão. A caráter de exemplificação, cabem algumas indicações de “demônios eclesiais” feitas pelo Papa Francisco. Uma pastoral de conservação; o gnosticismo prático; o pelagianismo atual; uma imagem eclesial de *societas perfecta*; a prática de um poder egoísta e o mundanismo espiritual, são apenas algumas dessas realidades denunciadas pelo Papa Francisco (cf. GeE, n.35-62) e que urgem purgação.

A esses “demônios”, podemos contrapor realidades como: a Igreja em saída; a *via encarnationis*; o reestabelecimento de uma autêntica vida mística; uma Igreja sinodal, de comunhão e participação; e uma Igreja do avental e do serviço de diaconia, não apenas em seus ministérios ordenados, mas em todo o seu ser. Esses são, inclusive, horizontes constantes indicados pelo Papa Francisco, desde o início do seu pontificado. Sobretudo na exortação *Evangelii Gaudium* (2013), o Santo Padre escancarou as janelas e portas de nossas comunidades eclesiais e conclamou a todos à caminhada rumo a recuperar o projeto de Jesus.

O *resgate da chama da esperança*, que anteriormente elencamos, se trata, na imagem de Madalena, de sua força amorosa. Àquela que era possuída por demônios, emerge a figura da amada que avança na noite para estar com seu amado (Jo 20,1-18). Assim, a Igreja precisa primeirizar, pelo amor, a fim de ser testemunha da ressurreição. A esperança faz arder o coração dos que conseguem perceber que Cristo caminha com eles (cf. Lc 24). É ela que nos faz peregrinos em meio à noite escura e fria do desalento e da morte. Essa esperança é, sobretudo, inspirada pelas ações do próprio Jesus, que desperta a confiança na bondade de Deus nos corações daqueles para os quais o judaísmo da época insistia em afirmar seu abandono (cf. PAGOLA, 2019). O amor, singelo, sincero e repleto de gratidão de Madalena, convoca-nos para alçarmos voos rumo a uma Igreja no qual arde o amor pelo Senhor e seu povo (cf. EG 273).

Por fim, a terceira característica que emerge da contemplação de Maria Madalena é a *imagem sinodal*. Dos relatos da aparição do Ressurreto, aqueles que envolvem as figuras masculinas, como Pedro e João, são marcados por intrínseca competição, seja por qual corre mais, por qual tem primazia em adentar o sepulcro ou pro qual acredita primeiro no que vê (cf. Jo 20,1-0). Ao invés disso, nos relatos em que as mulheres são as protagonistas, não aparece essa disputa. As mulheres não tem entre si a competição própria do mundo masculino, mas elas voltam juntas para anunciar (Lc 24,1-11; Mc 16,1-8; Mt 28,1-10). A figura de Madalena, junto com a sororidade listada no relato bíblico, fomenta a conversão eclesial para uma real e inteira sinodalidade, que, em si e per si, é mensagem da Boa-Nova do Reino.

CONCLUSÃO

Em síntese, muito se há dito que precisamos resgatar a dinâmica de sínodo como vida das comunidades eclesiais. Contudo, os esforços mais recentes indicam que ainda estamos longe de compreender e vivenciar essa verdade de caminho comunitário. Desde o Concílio

Vaticano II, muito tem se trabalhado na ótica de comunhão e participação na missão de Deus, enquanto ministérios e serviços.

Entre as concepções mais recentes, o resgate de uma Teologia Feminina tem se mostrado caminho feliz para conversão institucional. O Papa Francisco tem insistido que a Igreja é mulher, e que precisamos resgatar qualidades humanas tão evidenciadas nas personagens femininas da História da Salvação. Vale insistir que a busca por imagens femininas só ressalta a atitude do próprio Senhor em confiar também às mulheres as verdades divinas, sobretudo a partir da aurora da ressurreição.

O presente trabalho busca uma perspectiva de leitura bíblico-pastoral da sinodalidade a partir da figura de Maria Madalena, por uma inspiração feminina para o modo de organização eclesial. Nela, se percebe as purificações de “espíritos maus” que assombram a Igreja, bem como fundamentações do agir e modos de fazer que garantam uma verdadeira sinodalidade de inspiração feminina. Assim, é possível tecer relações que se construirão com as linhas de esvaziamento e encarnação, mas serão costuradas com laços de “fraternura” sororial. Tal qual Madalena, e muitas outras personagens, podem ser tomadas, seja da Sagrada Escritura ou da Tradição, para iluminarem o caminho eclesial. Muito trabalho há nesse campo, que apenas estamos iniciando.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em set. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Apóstola dos Apóstolos*. 03 junho de 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf>. Acesso em set. 2024.

FORTE, Bruno. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. Trad. De George Inácio Maissiat. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional*. Vaticano, 30 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Discurso em comemoração ao cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. Vaticano, 17 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 24 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html>. Acesso em set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate, sobre o chamado a santidade no mundo atual*. Vaticano, 19 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/>>

[apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost-exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html)>. Acesso em set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Homilia na capela da casa Santa Marta*. Vaticano, 21 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html>. Acesso em set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: Bula de promulgação do jubileu extraordinário da misericórdia*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco-bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em set. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica Mulieris Dignitatem, sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano*. Vaticano, 15 de agosto de 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html>. Acesso em set. 2024.

PAGOLA, José Antônio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Tradução de Oscar Ruben Lopez Maldonado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

RASCHIETTI, Estêvão. *A missão em questão: a emergência de um paradigma missionário em perspectiva decolonial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

SILVA, Luiz Henrique Elói e. *Misericordiae Gaudium: Quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – Por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15*. *Revista Cultura Teológica*, jul/dez 2016, n. 88, p. 273-294, ano XXIV. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i88.30934>>. Acesso em agosto de 2024.